



TEATRO DAS MEMÓRIAS E DAS HERANÇAS BIOCULTURAIS: AÇÃO CULTURAL ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Alexandre Fernandes Corrêa*

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

alexandre.correa@pesquisador.cnpq.br

RESUMO: Texto sobre a função sócio-cultural dos museus na atualidade e suas relações com os acervos culturais e naturais, as políticas do patrimônio cultural e da memória social.

PALAVRAS-CHAVE: Museu – Patrimônio – Memória.

ABSTRACT: A brief article about the socio-cultural function of museums at present and its relations with the cultural and natural preservation policies, and the cultural heritage and social memory.

KEYWORDS: Museum – Patrimony – Memory.

O tema da VIª Semana Nacional dos Museus no Brasil, no ano de 2008, foi **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**. Esse tema também foi o escolhido para o Ano Ibero-Americano de Museus. O presente artigo é uma elaboração em texto escrito da conferência apresentada no Memorial do Palácio Cristo-Rei, da Universidade Federal do Maranhão, que programou exposições e atividades ligadas ao evento nacional¹. Portanto, esse texto possui as características de uma articulação de idéias programáticas com algumas indicações prospectivas para a ação cultural futura.

Logo de início é necessário salientar que é muito salutar as Universidades brasileiras vincularem-se e integrarem-se ao processo de debates e reflexões sobre a

* Doutor em Ciências Sociais: Antropologia (PUC/SP). Atualmente é professor Associado II da Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

¹ Posteriormente estas idéias foram apresentadas no **I Encontro de Estudos Culturais**, ocorrido em São Luís/MA, maio de 2008.

função social dos Museus em nível local e nacional, assim como no continente, contribuem para o processo de democratização das políticas culturais na contemporaneidade. É preciso, cada vez mais, refletir sobre a contribuição que as Universidades podem dar para a crescente demanda pela democratização do acesso aos museus em nosso país, além da atenção as demandas pela transformação de suas funções e papéis sociais e culturais na atualidade.

Num campo, espaço ou área do conhecimento dominada por um forte conservadorismo é muito importante aprofundar a disposição de se renovar os paradigmas de atuação e das práticas museológicas atuais. Sobre esse ponto, escreveu Canclini:

Precisamente porque o patrimônio cultural se apresenta alheio aos debates sobre a modernidade ele constitui o recurso menos suspeito para garantir a cumplicidade social. Esse conjunto de bens e práticas tradicionais que nos identificam como nação ou como povo é apreciado como um dom, algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo. As únicas operações possíveis – preservá-lo, restaurá-lo difundi-lo – são a base mais secreta da simulação social que nos mantém juntos. Frente à magnificência de uma pirâmide maia ou inca, de palácios coloniais, cerâmicas indígenas de três séculos atrás ou à obra de um pintor nacional reconhecido internacionalmente, não ocorre a quase ninguém pensar nas contradições sociais que expressam. A perenidade desses bens leva a imaginar que seu valor é inquestionável e torna-os fontes de consenso coletivo, para além das divisões de classe, etnias e grupos que cindem a sociedade e diferenciam os modos de apropriar-se do patrimônio. Por isso mesmo, o patrimônio é o lugar onde melhor sobrevive hoje a ideologia dos setores oligárquicos, quer dizer, o tradicionalismo substancialista.²

Mas, não deixa de parecer paradoxal e surpreendente que os Museus – lugares tradicionalmente estabelecidos como locais de conservação e preservação do antigo, do obsoleto e do passado – passem a vir a ser lugares de reflexão sobre as transformações culturais, o desenvolvimento e a inclusão social. Todavia, como se sabe algo é considerado ‘paradoxal’ até o momento em que se encontra a lógica subjacente que ainda estava oculta, revelando a relação e o vínculo encoberto. Destarte, esse é um desafio interessante para todos nós e integra uma dialética fecunda para o pensamento sobre os estudos culturais contemporâneos.

² CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 160.

I. MUSEU NA HISTÓRIA

Antes de seguirmos com essa breve análise de alguns aspectos sócio-culturais característicos do momento atual, relacionado especialmente as mudanças nas representações sociais que os museus têm hoje no imaginário social brasileiro e latino-americano, é relevante tecer algumas ligeiras considerações sobre a história dos museus na sociedade ocidental.

Como se sabe, os Museus³ na Europa já têm uma longa história de focar o olhar sobre os objetos, como artefatos engenhosos, transformados em signos de ostentação e poder. Os primeiros museus eram coleções com pretensões enciclopédicas de príncipes renascentistas, e eram fundados sob a ideologia do poder político e intelectual, engajado em colecionar objetos, no modo taxonômico de ordená-los, classificá-los para a exposição do olhar e condicionados para a encenação ‘espetacularizada’ e ‘teatralizada’. Tudo que foi colecionado sob esse viés, era considerado ‘visualmente interessante’. Poder, exposição, glória e riqueza, eram os signos de representatividade e expressão para o olhar dos súditos, que testemunhavam o poderio e a glória terrestre de seu soberano.

Nesse sentido o Museu nasce como um Teatro da exibição ocular da volúpia do poder inscrito nas coleções de objetos maravilhosos e valiosos⁴. Sua história está marcada por esse viés conservador, que expõem ao olhar o ‘poder em cena’⁵ museológica. Mas, no século XX encontram-se diversas vozes que reclamam uma nova forma de construção do espaço museológico⁶. A vertente mais combativa nesse sentido

³ Museu é uma palavra Latina ‘*Museu*’, que vem do Grego ‘*Mouseion*’, que significa templo das Musas. Na Grécia Antiga, referia-se a pequena colina, em Atenas, consagrada às Musas. Na Grécia, as musas eram filhas de Mnemosine e Zeus. Mnemosine era uma das titânides filhas de Urano e Gaia e a deusa da Memória. Ela teve de Zeus Noves Musas.

⁴ Percebemos assim como se dá, nesse processo, o que Jean Baudrillard designou de ‘revolução estrutural do valor’, revelando o processo da economia política do signo, isto é, como os objetos e as coisas passam do seu valor de uso, para o valor de troca, e, sob novos investimentos e agenciamentos sociais e coletivos, adquirem valor de signo e de símbolo. BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 15.

⁵ Expressão usada no sentido dado por BALANDIER, Georges. **El Poder em Escenas**. Barcelona: Paidós Studio, 1994.

⁶ De acordo com a definição dada pelo Conselho Internacional de Museus, o ICOM, na Assembléia Geral de Copenhagen, em 1972, **Museu** ‘é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa e exhibe para finalidades do estudo, da educação e da apreciação, evidência material dos povos e seu ambiente’. Podemos incluir em sua abrangência máxima os jardins botânicos, zoológicos, aquários, planetários, parques nacionais e outras instituições.

é o movimento ainda forte designado como ‘ecomuseu’ e que congrega com vigor novas propostas de inserção desses ‘lugares da memória’.

II. EXIBIR, VER, EDUCAR

Assim, do Renascimento até hoje, os Museus mudaram muito e devem mudar ainda mais⁷. É uma exigência da sociedade contemporânea, que se rege sob novas necessidades e sob uma nova lógica cultural dominante. O antigo modelo, fundado na ostentação dos príncipes e poderosos da Renascença, já não dá conta da nova realidade e da nova sociedade em que nos encontramos.

O desafio agora é a demanda para que os museus se tornem um lugar-agente de ‘promoção’ do ‘desenvolvimento’ e da ‘inclusão’ social; espaço para reflexão e proposição de alternativas culturais e educacionais inovadoras.

É preciso compreender as metamorfoses do sentido do museu na sociedade contemporânea, pois esses espaços sociais da cultura – como Ecomuseus, Centros e Casas comunitárias, oficiais ou privadas – estão passando por um momento fecundo e mobilizador de um novo imaginário social⁸.

⁷ O signo Museu está ligado a antiguidade clássica, especialmente a Mitologia grega. Minemósine era aquela que preserva do esquecimento. Seria a divindade da enumeração vivificadora frente aos perigos da infinitude, frente aos perigos do esquecimento que na cosmogonia grega aparece como um rio, o Lethe, um rio a cruzar a morada dos mortos (o de "letal" esquecimento), o Tártaro, e de onde "as almas bebiam sua água quando estavam prestes a reencarnarem-se, e por isso esqueciam sua existência anterior". As nove Musas: Clio (a quem confere fama) a musa da História; Euterpe (a que dá júbilo) a musa da poesia lírica; Tália (a festiva) a musa da comédia; Melpômene (a cantora) a musa da tragédia; Terpsícore (a que adora dançar) a musa da dança; Érato (a que desperta desejo) a musa do verso erótico; Polímnia (a de muitos hinos) a musa dos hinos sagrados e da narração de histórias; Urânia (celeste) a musa da astronomia; Calíope (bela voz), a primeira entre as irmãs, era a musa da eloquência. Segundo Mircea Eliade: "A deusa Mnemósine, personificação da "Memória", irmã de Cronos e Oceanos, é a mãe das Musas. Ela é omnisciente: segundo Hesíodo (*Teogonia*, 32, 38), ela sabe "tudo aquilo que foi, tudo aquilo que é, tudo aquilo que será." Quando possuído pelas Musas, o poeta inspira-se diretamente na ciência de Mnemósine, isto é, no seu conhecimento das "origens", dos "primórdios", das genealogias. "Com efeito, as Musas cantam - *ex arkes* - (*Teogonia*, 45, 115) - o aparecimento do mundo, a gênese dos deuses, o nascimento da humanidade. O passado assim desvendado é mais que o antecedente do presente: é a sua fonte. Recuando até ele, a rememoração procura, não situar os acontecimentos num quadro temporal, mas atingir o fundo do ser, descobrir o original, a realidade primordial de onde proveio e que permite compreender o devir no seu conjunto". ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Ed. 70, 1986.

⁸ Um Ecomuseu é um novo tipo de museu em que o objeto é a exposição da natureza propondo atividades com a comunidade. Atua nas áreas da Geologia, Geografia, Paleontologia, Antropologia, Zoologia e Botânica. Trata-se de um novo conceito de museus formulado na década de 1970, na França. Hugues de Varine foi o primeiro a colocar o termo Ecomuseu em evidência. Georges-Henri Rivière, a partir de 1936, elaborou os primeiros esboços do que seria futuramente a Ecomuseologia. No início dos anos 50, definiu a teoria do Ecomuseu. As primeiras realizações práticas aconteceram nos anos 60, com forte preocupação ecológica. Para Hugues de Varine, o Novo Museu, diferentemente do museu

Nesse texto vamos trabalhar com a idéia do Museu como um Teatro das Memórias, dialogando com as outras e diferentes formas de Museus, do tipo Eco-Museus, Centros e Casas de Cultura etc., que se constroem e inventam na atualidade. Invenções que sinalizam para a necessidade de se re-inventar um espaço de interculturalidade ativa, criativa e não passiva⁹. É dessa nova demanda que vemos surgir novas exigências, sendo a mais contundente a revelada pela responsabilidade social e educacional dos museus¹⁰. Fenômeno que se vincula ao tema central da VIª Semana Nacional dos Museus do Brasil e do ano Íbero-americano de Museus, de 2008: **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento**.

III. ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Nesse contexto é que se apresenta a proposta de uma contribuição efetiva da Universidade Federal do Maranhão para a cidade de São Luís, num projeto que se desenvolve desde o final do ano de 2002. Trata-se do Projeto de Pesquisa e Ação Cultural **Teatro das Memórias: Entre o Passado e o Futuro**, que tem promovido um diálogo profícuo entre o passado, o presente e o futuro¹¹. É um projeto de pesquisa e de ação cultural, que tem agido no sentido de intervir e pesquisar, investigar e agir, no espaço social da cultura, dos museus, do patrimônio e da memória social maranhense.

tradicional, enfatiza o território (meio ambiente ou sítio), em vez de enfatizar o prédio institucional em si; o patrimônio, em vez da coleção; a comunidade, em vez dos visitantes. No Museu Clássico ou Tradicional, a museologia se dá da seguinte forma: **Edifício + Coleção + Público**. No Ecomuseu, de acordo com a visão da Nova Museologia, os ingredientes se expandem: **Território + Patrimônio (Material ou Imaterial) + Comunidade**. Esta nova forma que o Museu se apresenta, que veio se desenvolvendo na modernidade, seja ela chamada de Ecomuseologia, Nova Museologia, museologia comunitária ou museologia ativa, é a única Museologia que dá suporte ao homem para que este se desenvolva em seu meio, de forma sustentável, a partir de suas relações com o Real. Disponível em: <<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecomuseu>>>. Acesso em: 03/02/09.

⁹ No que tange ao melhor esclarecimento sobre o Ecomuseu, confira texto de Bruno Brulon, “Entendendo o Ecomuseu”, que pode ser encontrado na **Revista Jovem Museologia** (UNIRIO), no endereço eletrônico: <<<http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/2/artigobruno.pdf>>> Acesso em: 03/02/09.

¹⁰ Convém lembrar das lições profundas que Pierre Bourdieu e Alain Darbel retiraram da pesquisa sobre museus na Europa realizada na década de 1960 e apresentadas no livro **O Amor pela Arte**. BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: EDUSP, 2003.

¹¹ Projeto de Pesquisa e extensão universitária desenvolvido após a defesa da tese de doutoramento defendida na PUC/SP: CORRÊA, Alexandre Fernandes. “Mudanças no paradigma preservacionista clássico: reflexões sobre patrimônio cultural e memória étnica”. **Revista da APG/PUC**, São Paulo, 2001.

Trabalho que se inspira em novas ações e intervenções no espaço da cultura e da arte pública na atualidade¹².

O presente texto é fruto de reflexões a partir de uma prática de pesquisa e de extensão universitária, e não tem origem em práticas discursivas desprovidas de vínculos com a realidade empírica. Essa ênfase no terreno empírico da ação de maneira alguma sugere a idéia de que refletir teoricamente também não exija ação do pensamento: pensar é agir. Não se está a dizer aqui que a contemplação não seja importante, todavia o que se afirma nesse instante é que essas reflexões são fruto da ação cultural e da pesquisa engajada; em que se tomou o partido do engajamento, após longo período de reflexão. Dessarte, não se temeu ‘tomar o partido’ da resistência cultural contra as forças poderosas da mercantilização da cultura, que hoje domina a cena e o ambiente sócio-cultural.

Enfrentar a dificuldade de lidar com a memória, o patrimônio e a cultura num contexto sócio-cultural contemporâneo – em que a ‘economia da cultural’ domina cada vez mais os espíritos, fascinados como estão pelo fetichismo da ‘modernização-globalização’ – exige grande esforço de concentração e lucidez intelectual. Não basta ser letrado e bem intencionado, ou possuir um bom coração, é preciso uma lucidez implacável¹³ para lidar com essas novas forças do mercado: “a virada cultural do capitalismo”¹⁴.

A importância dos estudos da memória na sua relação com a rede de significados políticos e a dimensão da ação dos atores sociais, é cada vez maior mais urgente e necessária. Para tal é preciso enfrentar as dificuldades de desenvolver um trabalho independente sem o controle das empresas e dos interesses políticos. Autonomia, esclarecimento e independência: eis os grandes desafios do pensamento crítico contemporâneo. Esse desafio exige uma concentração de forças importantes no enfrentamento do conformismo e do neo-conservadorismo que penetra um cotidiano de comodidades e fragilidades intelectuais cada vez mais graves: estamos sob o domínio de

¹² Esse trabalho pode ser consultado em dois Blogs, que contém informações sobre o Grupo de Pesquisa Patrimônio & Memória, o Grupo de Estudos Culturais e o Projeto de Ação Cultural **Teatro das Memórias**. Disponível em: <http://grupodepesquisapatrimoniomemoria.blogspot.com/>; <http://teatrodasmemorias.blogspot.com/>.

¹³ Victor Grippo/1998: “Solo nos queda mantener una ‘lucidez implacable’”. Nasceu em Junin, Buenos Aires, 1936. Estudou na Escuela de Bellas Artes, Universidad de la Plata.

¹⁴ JAMESON, Fredric. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 256.

psiches individuais enfraquecidas e sem força para desenvolver a crítica às mediocridades e insignificâncias emergentes na alta modernidade tardia.

IV. PAÍS DO FUTURO & PAÍS SEM MEMÓRIA

“Cultura é memória”
Yuri Lotman¹⁵

É fato que a sociedade brasileira não possui uma tradição coletiva de transmissão ininterrupta de valores, um conjunto ou sistema de bens culturais coesos, com uma memória coletiva cristalizada. Até mesmo a ‘memória oficial’, vinculada ao *establishment* se vê relegada ao abandono e desprezo pelas próprias elites, raros e pontuais são os casos em que se testemunha alguma atenção continuada – nesses casos observamos iniciativas particulares e ações individuais.

É assim que se convencionou chamar e designar nosso país de uma ‘nação sem memória’, um povo sem amor ao passado, que não cultiva a memória dos heróis e dos vultos míticos fundadores de uma brasilidade sedimentada no tempo. Um país jovem, mas de jovens desmemoriados. É também comum reclamar-se da falta de patriotismo dos brasileiros, da falta de dedicação a sua própria história. Bem, tudo isso merece algumas palavras reflexivas, pois está intimamente relacionado a questão dos museus, e dos centros de memória e cultura, em nossa sociedade.

Parece assim que nosso desafio maior é colocar em foco as memórias sociais subterrâneas e plurais, que permanecem encobertas: é mister compreender as razões sociológicas desse persistente encobrimento. Especialmente àquelas submetidas e dominadas pela ‘memória oficial’ e pelas estruturas de significado e representação estabelecidos e cristalizados em instituições públicas e privadas – mesmo que comumente se mantenham negligentes e disseminem o desprezo e o abandono, são comportamentos significativos de uma prática de encobrimento e ocultamento, próprio da lógica cultural dominante.

¹⁵ Jerusa P. Ferreira, texto em homenagem ao semiólogo Yuri Lotman, escreveu: “A cultura é memória longa de uma comunidade [...] e não um simples depósito de informações: é um mecanismo organizado de modo extremamente complexo que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis. Recebe as coisas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo-as a um outro sistema de signos [...]. Somente aquilo que foi traduzido num sistema de signos pode vir a ser patrimônio da memória”. (FERREIRA, Jerusa P. “Cultura é memória”. **Revista da USP**, São Paulo, n. 24, p. 116-117, dez./jan./fev.1994-1995.)

Destarte, a junção desses dois lexemas recorrentemente enunciados – quais sejam, ‘País do Futuro’ e ‘País sem Memória’ – constitui uma síntese conectiva plena de significado político e cultural. O esquecimento das origens pessoais, dos grupos imigrantes, raças, etnias, etc., constitui plano eficaz de dominação de consciências e manutenção do *status quo* dominante, ou da “libido dominante”, como dizia Roland Barthes¹⁶. Apresentando-se como o ‘País da Promessa’, o lema: ‘Esquecer suas origens para tornar-se brasileiro’, é extremamente eficaz e se conecta perfeitamente numa síntese conjuntiva adequada ao processo de alienação e aculturação desenfreada em que foi submetido a população em quatro séculos de colonização do imaginário mestiçado e hibridizado. Cabe, então, aos semiólogos, e demais hermenutas de nossa sociedade, procurar as ferramentas conceituais adequadas para a análise do teatro das memórias sociais plurais, em que nos encontramos mergulhados num crisol de identidades e subjetividades descentradas e barrocas. Há um caminho aberto para uma multiplicidade de definições de memória, que pode nos ajudar a encontrar saídas teóricas mais fecundas para se compreender as atuais ‘encruzilhadas do labirinto’ da cultura, do patrimônio e da museologia em nossa sociedade. Pois, não há uma memória cultural e coletiva institucionalizada e num ‘sistema unívoco’, encontramos, sim, uma pluralidade de ‘memórias’ – porém, é preciso não esquecer que a acentuação do especial, singular e único, tem um papel político cada vez mais importante. Mas, é necessário também superar a dificuldade de lidar com as memórias sociais traumáticas do país e do continente: escravismo, colonialismo, autoritarismos, ditaduras, etc.

A memória social brasileira não é um mar de “rosas”: temos que agir com cuidado e muito respeito em relação a estas particularidades e singularidades capilares. O Brasil é um ‘País do Presente e dos Contrastes’, por isso, parece certo afirmar que é preciso uma perspectiva interdisciplinar e transcultural das relações entre memória e esquecimento na sociedade brasileira. País do ‘aqui e agora’, em que há uma grande fixação no prazer e na alegria, e que reluta e resiste negativamente em enfrentar o passado difícil, conflituoso e traumático. Torna-se importante e fecunda uma antropologia dialética, que pense e elabore esta equação difícil: País da Esperança x Passado Violento. A memória social brasileira é traumática, violenta, repleta de histórias de espoliações, escravidão, etnocídios, genocídios, autoritarismos, ditaduras,

¹⁶ BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 10.

etc. Quadro social que propiciou o surgimento de diversas estratégias e tentativas sofisticadas de encobrimento das dificuldades de lidar com os conflitos, que são recalçados e evitados a todo custo. Nessa conjuntura político-cultural característica é correto acreditar que as formações subjetivas que se constituíram e se constituem nesse contexto, possuem traços psicossociais extremamente complexos que merecem um tratamento científico e humanístico de grande sensibilidade interpretativa.

V. POLÍTICA E AÇÃO CULTURAL

A proposta de análise aqui apresentada sustenta-se a partir da idéia de que a sociedade humana constitui-se de variações da equação: “vida social = teatro e drama”, isto é, a sociedade é como um teatro vivo, no qual cada personagem-indivíduo-pessoa-sujeito-grupo é ator e desempenha papéis sociais singulares, segundo padrões estruturados pelo processo gregário. A vida social é tomada aqui como um ‘drama social’, repleto de histórias, memórias, traços mnemônicos, etc. A vida social é considerada aqui do ponto de vista do ‘teatro da vida’, em que se engendram comédias e tragédias, no devir sócio-cultural. Assim, o cotidiano da vida está repleto de representações dramáticas, dos quais nossas biografias fazem parte e constituem capítulos importantes das diversas ‘histórias de vida’ nos diferentes grupos aos quais nos vinculamos.

Nesse sentido o que importa como implicação política, levando a sério os artigos da Constituição Federal brasileira de 1988, é a gestão democrática do teatro das memórias sociais. Os princípios dessa ação cultural e política estão definidos nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal, nos quais se encontram os ‘direitos culturais’ e a ‘cidadania cultural’. Desse modo, nesse texto procura-se defender o direito de participar da gestão das políticas culturais, da memória social e das identidades sociais, na sociedade brasileira, evitando o controle destas ações, nas mãos dos novos tecnocratas da ‘economia da cultura’, da ‘gestão cultural’, etc., isto é, os novos ‘dédalos’ da tecnologia cultural emergente¹⁷.

É a partir desse enfoque que se vê a necessidade de criarem-se Conselhos de Cultura e Patrimônio que funcionem democraticamente, e que sejam verdadeiramente

¹⁷ CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Patrimônios bioculturais**: ensaios de antropologia do patrimônio e da memória social. São Luís: Núcleo de Humanidades/EDUFMA, 2008.

representativos. Além disso, vislumbramos a criação de Observatórios da Política Cultural da sociedade civil, para que cultivemos o diálogo democrático e o respeito a crítica e a autonomia cultural. Dessa forma, se pode evitar com força e determinação política o clientelismo, os favores e a cultura da subalternidade e da subserviência – ainda dominantes nesse espaço social das políticas do patrimônio, da cultura e da museologia.

VI. QUESTÃO CRUCIAL: O QUE FAZER DO QUE FIZERAM DE NÓS?

É com ênfase nesses aspectos políticos culturais que aqui se coloca em perspectiva crítica a chamada e difundida ‘Educação Patrimonial’. Temática que se encontra numa encruzilhada epistemológica de difícil superação. Quando se debate o problema da inclusão social e do desenvolvimento, pergunta-se: inclusão e desenvolvimento para quem? Quem está se beneficiando dessas práticas pseudo-pedagógicas de preservação do patrimônio e da memória social? Como se propor a ‘amar’ o passado e se ‘sentir pertencendo’ a uma história preta de explorações, espoliações e dominações coloniais exercida, e que ainda se exerce, sobre milhões de brasileiros? Será correto fazer ‘entretenimento’, ‘folclorização’ e ‘lazer’ com as memórias e histórias populares?

Como é sabido, patrimônio cultural é herança simbólica e legado social: acervos e coleções, tesouros e testemunhos passados de geração para geração. Mas, para quem foi deixado o testamento desses legados e heranças culturais? Como se sentir pertencendo a ‘patrimônios’ que são símbolos e lembranças de uma condição subalterna, para milhões de brasileiros? Como ‘ensinar a amar’ um passado que tantos traumas históricos infringiram a maioria da população? Esses patrimônios pertencem a quem, e ‘devem’ ser ‘amados’ por quem?

Essas questões merecem ser direcionadas aos que têm cultivado o ‘romantismo’ ingênuo e a ‘nostalgia’ pós-moderna, isto é, aos corações dos bem-intencionados da hora e os dos oportunistas do momento. ‘Conhecer’ para ‘amar’ o patrimônio; ‘é preciso amar a cidade’: mas, conhecer e amar quais histórias e que ‘cidade’? Quem vai contar essas ‘histórias’? Para quem o passado pode ser objeto de amor e de sentimento de pertencimento? Qual a natureza ideológica do ‘amor romântico’ pelo passado? Para quais grupos sociais o passado pode ser lembrado sem

causar aflições, remorsos e resistências negativas? Para quem lembrar do passado pode ser agradável e prazeroso: toda gente? Todos podem lembrar do passado da mesma forma? Para quais grupos pode ser objeto lúdico brincar do jogo da memória e do esquecimento no teatro das memórias da vida real?

Nosso trabalho segue caminhos muito distantes desses ‘romantismos’ e ‘nostalgismos’ sentimentais. Nosso compromisso é com a análise das ‘estruturas de sentimento e de sentido’¹⁸ que estão subjacentes as formações subjetivas das diferentes classes sociais, etnias, raças, nacionalidades etc¹⁹. Nosso trabalho tende a evitar, por exemplo, que se transformem os museus em lugares para se guardar os ‘fósseis’ da vida social, sem uma reflexão crítica contundente. Precisamos, sim, de museus vivos que coloquem em foco os processos de transformação sócio-culturais que estamos passando na atualidade. Todavia, fica um problema importante: como lidar com os traumas históricos e sociais graves em que vivem e viveram as populações que ainda habitam os sítios históricos das nossas cidades e sítios históricos?

A gestão do ‘teatro das memórias sociais’ não é um processo para ser proposto a comunidade de forma irresponsável e ilusória. É preciso entender quais os interesses ideológicos daqueles que querem continuar a tirar benefícios da história dos sofrimentos alheios. É preciso uma sócio-psicanálise dos que pretendem investir na memória e nos patrimônios das comunidades: quais são os seus desejos, seus interesses subjetivos e objetivos... Parece certo crer que é mais que necessário, pois é essencial, questionar esses projetos de ‘lazer’ e ‘entretenimento’, supostamente ‘desinteressados’, que não passam de formas de manutenção da exclusão, e não servem para ‘inclusão social’ alguma? Assim, conclui-se então que é preciso evitar, com veemência, a ‘fossilização’, a ‘turistificação’²⁰ e a ‘folclorização’ da cultura. Precisamos de museus e centros de cultura que sejam teatros vivos da cultura popular, e não agentes de promoção e manutenção das formas de violência simbólica tradicionais e conservadoras.

¹⁸ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

¹⁹ Para aprofundar esse ponto crítico fundamental, confira CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Patrimônios bioculturais**: ensaios de antropologia do patrimônio e da memória social. São Luís: Núcleo de Humanidades/EDUFMA, 2008.

²⁰ Sobre o conceito de ‘turistificação’, confira: CASTILHO, Cláudio Jorge Moura. O uso do turismo na formação de representações socioespaciais do desenvolvimento em Recife/Pernambuco. **Anais do NERR**, Curitiba, 2006. Disponível em: <<<http://www.inventionweb.com.br/neer/comunicações/cláudio-moura-castilho.pdf.2006>>> Acesso em: 30/11/2006.

Para atingirmos esse processo de conhecimento e esse grau de intervenção na realidade sócio-cultural é necessário promover uma verdadeira ‘terapia da memória social’ dos diversos grupos sociais que compõem o mosaico cultural brasileiro e latino-americano. Ao contrário dos que querem tirar mais-valia das memórias e do passado dos diferentes grupos sociais que formam a nossa sociedade, é preciso mais pesquisa e conhecimento. No entanto, ao remar contra a maré pós-moderna dos que querem transformar o passado em mercadoria fetichizada, barata e sanitizada – abolindo e encobrindo todas as contradições da história – enfrentam-se forças muito poderosas do presente. E, dessarte, é ainda mais urgente um trabalho terapêutico de longo prazo, com pesquisa orientada e científica, no sentido de se atingir uma ‘outra cena’, uma ‘outra memória’²¹: propor a re-significação política dos acervos culturais, patrimoniais e museológicos. Trabalho que merece ser feito através de uma sócio-análise profunda, associado a uma psico-análise igualmente profunda²².

Também não se pode esquecer que esse trabalho deve ser fruto de um empreendimento ‘inter’ e ‘multi-disciplinar’ para atingir, mais à frente, um meta-ponto-de-vista transdisciplinar. Não tem como fazer esse trabalho isolado, compartimentado nas fronteiras disciplinares; é necessário abolir as fronteiras canônicas e promover interfaces com equipes multi e inter-disciplinares.

Para se evitar a ‘turistificação’ e a ‘folclorização’ sanitizada e mercadológica das memórias sociais, ou a patrimonialização excessiva – que visa abolir e encobrir as contradições dialéticas do processo social vivo, compreendendo suas determinações históricas – faz-se mister um trabalho de longo prazo, elaborado por equipes de profissionais de história, sociologia, antropologia, psicologia, psicanálise, etc. Trabalho que deve ser feito com método e perspectiva científica e humanística.

Para ilustrar a reflexão proposta, e marcar as particularidades das relações diferenciadas que os grupos sociais têm com sua memória e a sua história, lembremos dos grupos e nações de indígenas e dos negros brasileiros, e comparação contrastiva, com os grupos de imigrantes sírio-libaneses e europeus em nosso país. São histórias de destinos diferentes, cada grupo mantém uma relação diferente com a sua memória e a

²¹ Confira o conceito de psicanalítico ‘après-coup’, no capítulo “A Outra Memória”, trabalhado por JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do Social**. Rio de Janeiro: Forense. 1990, p. 141.

²² JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense, 1990.

sua história. São histórias de sucessos e fracassos, que marcam posições diferentes no espaço social da memória e do patrimônio coletivo.

É necessário então ter em mente as particularidades de cada grupo e conhecer sua relação com a memória e a história. No caso dos sírios e libaneses percebemos que esses grupos logo que vieram para o continente sul-americano, desenvolveram estratégias de integração e assimilação, que logo deram a eles condições de se desenvolverem e enriquecerem economicamente. Em poucas gerações, de pobres mascates e comerciantes, tornaram seus filhos médicos, advogados e engenheiros, sem ligações étnicas ou culturais com seus ancestrais no país de origem. Esqueceram a língua árabe e os costumes mais específicos. Mantém apenas hábitos culinários e de divertimento, como as danças árabes e os quibes e esfihas. De modo algum deixaram os traços étnicos de seus ancestrais atrapalharem sua inserção na sociedade local. Esqueceram suas origens e disso tiraram muitos proveitos sociais e econômicos. Realizaram assim o lema do ‘país do futuro’, para os que não têm memória étnica: ‘esqueça suas origens e se torne um brasileiro’.

No entanto, para os grupos indígenas e afro-descendentes, a história foi, e tem sido muito diferente; não é uma história de sucesso e de realizações sociais e econômicas, muito pelo contrário. A manutenção de seus traços culturais e étnicos tem sido uma marca de estigma e estereótipos no complexo sócio-cultural brasileiro. A recente onda de ‘folclorização’, ‘fossilização’ e ‘turistificação’ de seus legados e heranças culturais só vêm confirmar a lógica desse processo de manutenção cada vez mais sutil da exclusão social e econômica desses grupos subalternos. A despeito do engano dos mais ingênuos, essa é a mais nova estratégia de manter esses grupos na condição de subdesenvolvimento. A resistência cultural desses grupos e a manutenção autêntica de seus patrimônios culturais revelam-se o maior desafio de uma cultura verdadeiramente **humamista**. Cultura humanística delineada por Hanna Arendt, nos seguintes termos:

Esse humanismo é o resultado da *cultura animi*, de uma atitude que sabe como preservar, admirar e cuidar das coisas do mundo. Ele tem, como tal, a tarefa de servir como árbitro e mediador entre as atividades puramente políticas e puramente fabris, que se opõem uma às outras de um sem-número de modos²³.

²³ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 280.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A METAMORFOSE CULTURAL

Ao chegar ao final dessa reflexão, lembro que esse texto é resultado de uma fala no evento em que se debateu a função social dos Museus, na sexta semana nacional (DEMU/IPHAN/MINC), e no I Encontro de Estudos Culturais de São Luís. Assim, tendo em vista as limitações apontadas, tentarei resumir as propostas e reflexões mais centrais colocadas nestas duas palestras, e que aqui se encontram reunidas num texto condensado.

Em traços largos tentou-se dar ênfase a concepção dos museus como ‘locais de dramatização’ privilegiados que podem vir a refletir os impactos das mudanças na vida sócio-cultural contemporânea. Sob o título de **Teatro das Memórias**, procurei corroborar as palavras de São Tomás de Aquino, quando afirmava com razão: “O sensível é o veículo natural do inteligível”. E como a palavra “TEATRO” privilegia a visualidade, ela conserva uma vinculação etimológica direta à família do verbo grego *theáomai*: “ver”. Desse modo, parece totalmente adequado crer que os ‘Museus’ são ‘Teatros da Memória’. E como as matrizes sensoriais (ver, ouvir, tocar, sentir etc.) facilitam a rememoração, nada mais justo que admitir que esses espaços sociais e culturais privilegiados, e que cada vez mais se tornarão importantes, como arenas de disputas na cena cultural da contemporaneidade. Existem indícios de que se tornarão espaços de dramatização das memórias sociais, que tendem a ser locais de reflexão sobre os processos de transmissão das heranças culturais para as gerações futuras.

Um exemplo histórico clássico dessa função pode ser aproximado analogamente como as Igrejas Barrocas, consideradas como verdadeiras ‘bíblis de pedra’²⁴. A função que esses templos desempenhavam no centro mesmo da cultura e da civilização barroca, pode ilustrar aqui o que se quer dizer com a importância que se vislumbra, cada vez mais significativa, da nova função dos museus, das casas e dos centros de cultura na sociedade do futuro.

A lógica desse raciocínio político-cultural não é nova e pode ser encontrada com mais propriedade na obra de Claude Lévi-Strauss:

²⁴ CORRÊA, Alexandre Fernandes. **Festim barroco**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife, 1993. Disponível em: <<http://www.eufma.ufma.br/x/livros/festim_barroco.pdf>> Acesso em: 03/02/09.

As Casas de cultura seriam então estreitamente associadas à sua gestão, sob o controle desses funcionários que, numa sociedade civilizada, deveriam ter um prestígio ao menos igual ao que gozam o engenheiro, o militar e o chefe de empresa: penso no diretor de circunscrição pré-histórica, no arquiteto dos monumentos históricos, no conservador das águas e florestas... Talvez se instaurasse, entre as Casas de cultura, a propósito dessas reservas, uma **emulação** fundada no gosto do conhecimento, no amor e no respeito à vida sob todas as suas formas. Poder-se-iam conceber outros métodos, infelizmente não menos precários e de alcance também limitado. Mas, multiplicando as tentativas, avançar-se-ia sempre para o mesmo fim: o estabelecimento de um sistema de contrapesos, de cujo efeito se espera obter um melhor equilíbrio entre o presente e o passado, a mudança e a estabilidade, o homem desraizado das cidades e as duradouras verdades do mundo²⁵.

Sobressai dessas prospectivas que novos trabalhos de pesquisa, investigação e ação cultural poderiam começar a se desenvolver pela história e memória social dos bairros das cidades. Foi com esse objetivo que nosso trabalho de pesquisa e extensão universitária em bairros e comunidades procurou implantar um projeto de ação cultural no Largo do Desterro, no Centro Histórico de São Luís²⁶. Um trabalho elaborado com muitos cuidados para não se tornar apenas mais um evento de marketing de empresas e governos que somente tiram mais-valia difundindo o ‘falso amor ao passado’. Assim, nossa pesquisa-ação procurou difundir a idéia de que é fundamental a população participar da ‘gestão política do teatro das memórias sociais’.

O lema que guiou nossas incursões no logradouro e nos bairros vizinhos foi: “Apressar a Muda da Lagarta”. Como lembrava Paul Valery: “a maioria das sementes não tem futuro”, por isso devemos ter muitos cuidados. Como se sabe, nem todos os bons frutos vingam ou brotam. Portanto, para evitar a destruição e falta de resistência contra as poderosas forças de aniquilamento da memória, procuramos semear uma ação cultural integrada que pretendeu ativar três esferas da vida dos indivíduos e dos grupos receptores desse trabalho:

1. IMAGINAÇÃO: a consciência reflete sobre si mesma, inventa a si mesma, se abre para as possibilidades, libertando-se do ser e do dever ser para aceitar o desafio do poder ser;
2. AÇÃO: o sujeito penetra no tempo presente e viabiliza o que sua imaginação pré-sentiu – ligando-se ao processo cultural concreto;

²⁵ LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1976, p. 292-293.

²⁶ Mais detalhes sobre esse trabalho de extensão universitária, confira o Blog: <http://teatrodasmemorias.blogspot.com/>

3. REFLEXÃO: permitir fazer a si mesmo uma proposta de continuidade de si próprio, de sua consciência e de sua ação, numa integração com o passado capaz de permitir o exercício teórico, i.é, a previsão do futuro, a predeterminação do futuro;
Neste instante, o círculo se fecha e a imaginação é de novo ativada²⁷.

Todavia essa visão do processo só é possível quando se antecipa a imagem nova, transfigurada, metamorfoseada e multicolorida que dela vai surgir no devir. Como lembra Teixeira Coelho, é necessário cuidado com as forças reativas das resistências e do negativismo: se o trabalho de metamorfose demorar muito, vem a vontade incontável de esmagar aquele ‘bicho repelente’, com tudo que possa abrigar de promissor em seu ‘corpo mutante’! Destarte, “é preciso saber cultivar as boas sementes”! Oxalá, os Museus possam em breve tempo cumprir com essa nova e importante missão civilizatória!



www.revistafenix.pro.br

²⁷ COELHO, Teixeira. **O que ação cultural?** São Paulo: Brasiliense. 2001, p.94. Ver também:
Id. **Dicionário crítico de política cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1999.